

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRADUÇÃO DE *FINISMUNDO* PARA O INGLÊS

SOME CONSIDERATIONS ABOUT THE *FINIMUNDOS'S* TRANSLATION INTO ENGLISH

Andrea KOUKLANAKIS¹

RESUMO: Este trabalho é um comentário sobre a minha tradução de *Finismundo*: a última viagem, poema de Haroldo de Campos. Dentre outras caracterizações, *Finismundo* é uma tradução interpretativa do herói *Odisseu* e de *Ulysses*. O primeiro concebido num mundo pós-clássico; e o segundo enfaticamente pós-heroico. O poema é também um comentário indireto sobre a audácia inerente às traduções dos épicos de Homero. Neste sentido, Haroldo implicitamente alude às primeiras traduções da *Ilíada* e *Odisseia* para o português, feitas por Odorico Mendes, no século XIX, as quais considera audaciosas e *avant-garde* (CAMPOS, 1996). Haroldo (1996) escreve que a ideia para a concepção deste poema veio de um estudo semiológico do crítico D'Arco Silvio Avalle (1975). Nesse estudo, Avalle examina o canto 26 do *Inferno*, onde Dante oferece uma resolução para o enigma da morte de Odisseu: o herói alcançará o paraíso terrestre, somente se conseguir passar pelos limites das colunas de Hércules. Essa gênese do poema, em afinidades com a crítica literária e com alusão ao estilo rococó de Odorico Men-

¹ Doutora pelo Departamento dos Clássicos, Harvard University (2013). Professora de Latim, Bard High School Early College, New York City (a.koukklanakis@post.harvard.edu).

des, enformou este projeto de tradução. Para um tal texto da poesia concreta, elaborado assim de forma arquitetônica e chamando atenção para as letras e as palavras, eu escolhi adotar um método de tradução o mais literal e conservador possível.

PALAVRAS-CHAVE: *Finismundo*, tradução, Odisseu, Ulisses, retorno, Odorico Mendes.

ABSTRACT: *This paper is a commentary about my own translation of the poem Finismundo which was written by Haroldo de Campos. Finismundo can be seen as an interpretive reading of the hero Odysseus and/or Ulysses. The former is conceived in a post-epic world, and the later in an emphatically post heroic context. The poem is also an indirect illustration of the inherent 'audacity' of translating the Homeric epics. In this regard, Haroldo alludes to the first translations of the epics into Portuguese, made by Odorico Mendes in the 19th century, which Haroldo considers both bold and avant garde (CAMPOS, 1996). Haroldo writes that the idea for this poem came from a study on semiotics by the critic D'Arco Silvio Avalle (1975). In this work, Avalle examines Inferno canto 26, in which Dante offers a resolution for the enigma concerning Odysseu's death. The hero will reach Paradise on Earth only if he manages to pass through Hercules' columns. The genesis of the poem, having affinities with literary criticism and with allusion to rococó style of Odorico Mendes, has determined my translation project. For such a text of concrete poetry, which was elaborated in architectural form and which drew attention to its own letters and words, I chose to adopt a literal and conservative translation method.*

KEYWORDS: *Finismundo*, translation, Odysseus, Ulysses, return, Odorico Mendes.

Eu traduzi *Finismundo: A última viagem*, de Haroldo de Campos (1990), para o inglês como contribuição para um *Festschrift* (2012), em comemoração do aniversário de setenta anos do Professor Doutor Gregory Nagy da Universidade Harvard. Portanto, essa tradução foi composta para uma ocasião especial, um fato que necessariamente enformou a abordagem do trabalho, tendo que esta visa um leitor, ou grupo de leitores especializados.

Eu parti da premissa de que *Finismundo* é, primeiramente, sobre a linguagem poética que reflete ora o herói, ora o anti-herói. O poema demonstra um processo de criação ancorado em escolhas de dicção meticolosas e cheias de significação – palavras que apresentam, elas mesmas, várias dimensões, devido às suas construções e derivações morfológicas e semânticas, tais como “multi-ardiloso”, *multi-artful*; “extremo”, *extreme*; “vigilantes”, *vigilant*; “sigilosas”, *sigilant*; “siglas”, *signals*; “enigma”, “fósforo”, *phosphorous match-stick*, e “semáforo”, *traffic lights*. Por esse motivo, quis manter esse vocabulário intacto na medida do possível, e em todas as instâncias mantive-me o mais fiel possível à linguagem de Haroldo, porque a fidelidade nesse caso possibilitou uma recriação imaginativa na língua inglesa.

Os arcaísmos e latinismos engenham um tom elevado, e ao mesmo tempo promovem o prazer da experimentação verbal e da articulação de sons pouco usuais, prazer este que se nota imediatamente ao se ler o poema em voz alta, como o excerto demonstra:

Odisseu senescente
da glória recusou a pompa fúnebre.
Só um sulco
cicatriz no peito de Poséidon.
Clausurou-se o ponto. O redondo
oceano ressona taciturno.
Serena agora o canto convulsivo
o doceamargo pranto das sereias
(o ultrassom incaptado ao ouvido humano).
(CAMPOS, 1988, p.55)

Senescent Odysseus
refused the glory of the funereal pomp.
A single mark
scars Poseidon's chest.
Closure is the point. *The round*
ocean resounds taciturn.
Sing now the convulsive song
the bittersweet lament of the sirens.
(the ultrasound uncaptured by human ear).
(KOUKLANAKIS, 2012, [s.p.]])

O inglês, apesar de possuir um léxico com porcentagem significativa de vocábulos com derivação latina, prefere o vocábulo anglofônico, quando há uma opção disponível e adequada e, por isso, foi importante manter as raízes latinas na tradução para preservar a estranheza do poema. Ao mesmo tempo, o uso do latim no lugar da forma anglofônica, pode levar à uma ruptura na compreensão do texto, ou à um tom excessivamente pedante, no lugar de sério, lúdico, ou experimental. Por isso, vez ou outra optei pela forma anglofônica, mesmo quando havia derivação latina, como por exemplo *shadowy* para “umbráculo”, no lugar de *umbrated*. A escolha de um tema épico, que por própria definição dá lugar preeminente ao estilo da palavra construída de forma especial (poesia), privilegia a tradução literal, preservando assim a autenticidade da concepção original do poema e a autoridade da poesia concreta. Ademais, o estilo formal do poema coincide de forma significativa com a prática da tradução como fase de experimento, processo de criação, recriação e iluminação da linguagem.

Finismundo, porém, mesmo com suas experimentações poéticas não é ‘monstruosidade’ no mesmo sentido em que críticos de Odorico Mendes referiram-se à sua tradução barroca da *Ilíada e Odisseia*, uma crítica, aliás, que já há perdeu valor, especialmente com o Haroldo, para quem aquela então chamada ‘monstruosidade’ é linda por ser autêntica, audaciosa e inovadora, a despeito do (e até por causa de) seu maneirismo

barroco (CAMPOS, 1996). De qualquer maneira, *Finismundo* é, ele sim, um poema elegante e erudito, urbano e moderno, análogo à tradição helenística de Callimachus com sua insistência para com a brevidade e erudição na poesia, e com sua atitude poética de distanciamento do canto épico. Esse estilo, lembramos aqui, exerceu grande influência sobre os poetas romanos do final da época republicana, que também valorizavam a experimentação na poética, como Catulo.

Começando já pelo título *Finismundo*, o poema, constrói um hibridismo entre o latim e o português. O poema prossegue com helenismos, latinismos e palavras compostas (“*polumétis*”, “caos pelaginoso”, *pelagic chaos*, “hubris-propenso”, *hubris-proned*, “*périplo*”, “umbráculo”, *shadowy*; “lucerna”, *lucerne*). A linguagem é ornamentada (“escarmentam”, *scold*; “capitoso”, *commanding*; “regaço”, *captivating bosom*), e cria neologismos através da combinação de duas palavras em uma (“extracéu”, *extraheaven*; “maroceano”, *oceansea*; “doceamargo”, *bittersweet*). Na medida do possível, eu procurei manter essa referência oblíqua ao estilo rococó, que ademais revela uma certa sensibilidade estética da tradição cultural brasileira, de Odorico Mendes à Carmen Miranda, à arquitetura de Brasília, à poesia concreta, ao tropicalismo. Haroldo de Campos pessoalmente começou a traduzir a *Ilíada* como forma de homenagem à Odorico (CAMPOS, 1996), alinhando-se assim à uma certa tradição literária e cultural. Esta presente tradução tenta comunicar as práticas haroldianas de produção de poemas, sua erudição, e seu impulso inovador (canibalismo de tradições e regurgitações reconstrutivas).

Finismundo usa como tema o naufrágio de Odisseu, porém com uma cronologia pós-épica, já que o ‘tempo’ do poema ocorre no período após o retorno do herói a Ítaca. Haroldo constrói esse retorno pós-retorno em termos de ousadia, de contraste entre a esfera doméstica e a aventura pelo mundo afora e, finalmente, como memória e memorialização. Em nível linguístico, vemos uma série de prefixos de negação, contradição, iteração, e frases hifenizadas.

Ousar o mais:

o além-retorno o após:im-
previsto filame na teia de Penélope.

Ousar

desmemoriado de Ítaca — o

além-memória — o

revés: Ítaca ao avesso:

a não-pacificada

vigília do guerreiro — no lugar

da ventura o aventureiro

deslugar — il folle volo

(CAMPOS, 1988,p.56)

Dare for more:

*the beyond-return the thereafter: un-
foreseen thread in Penelope's web.*

To dare

unmindful of Ithaca — the

beyond-memory — the

reverse: Ithaca reversed:

the non-pacified

vigil of the warrior — in place

of the venture the adventurous

displacement — il folle volo.

(KOUKLANAKIS, 2012, [s.p.])

Essa ousadia de Odisseu é anunciada já no início do poema quando o herói “re-propõe” (*re-proposes*) a viagem. O prefixo iterativo ‘re’ é usado igualmente em inglês, e enfatiza o tema principal da épica: o retorno. De certa forma, Odisseu está continuamente *re-propondo* o seu retorno, ora de Troia, ora da ilha de Calipso, ora da *Feácia*, e com o Haroldo, de sua própria Ítaca. A palavra “Último” então ressoa com significados múltiplos, o que inclui o sentido de última viagem em vida, mas também ‘consumado’ e ‘inveterado’ viajante.

Último
Odiseu multi-
ardiloso - no extremo
Avernotenso limite — re-
propõe a viagem.
(CAMPOS, 1988,p.55)

Ultimate
Odysseus multi-
artful — in the extreme
Avernal limit — re-
proposes the voyage.
(KOUKLANAKIS, 2012, [s.p.])

O tema principal do retorno é trabalhado por Haroldo em duas partes. A primeira trata do *Último Odiseu*, corajoso e aventureiro, e a narrativa é concebida com linguagem grandiloquente, trazendo ecos da era épica-heroica. As palavras compostas e hifenizadas, mesmo que em sua maioria de derivação latina, evocam também a estrutura do grego homérico, com suas várias ilustrações de adjetivos compostos, tais como *polu-metis*, *sema-phoros*, *phos-phoros*, *peri-plous*. Não só morfologicamente, mas também ao nível da estrutura, o poema concreto, com sua preocupação com a disposição das palavras na página, evoca a poesia épica, que é também construída assim com blocos de significados, que se movem e se repetem em contextos diferentes, ecos da oralidade que estranhamente se depara com o *uber* literalismo de *Finismundo*.

[...]
húbris-propulso Ousar —
atrás do mar. — o mar
caos pelaginoso O ínvio-obsuro
até onde se esconde a proibida
geografia do Éden — Paradiso

terreno: o umbráculo interdito:
a lucarna: por ali
istmo extremo insula
se tem acesso ao céu
terrestre: ao transfinito.
rechaça a pervasiva ——— capitoso
regraço de Penélope ———
consolação da paz. Quillha nas ondas
sulca mais uma vez (qual nunca antes
o irado
espelho de Poséidon: o cor-de-vinho
coração do maroceano.
(CAMPOS, 1988, p.56)

To dare ———
hubris-propelled ——— the sea
behind the sea. The obscure-pathless
pelagic chaos
towards there where it is hidden the forbidden
geography of Eden ——— Paradiso
in terra: shadowy and out of bounds
lucerne: over that way
isthmus extreme island
there is access to heaven
on earth: towards the transfinite.
Odysseus senescent
refuses the pervasive ——— captivating
bosom of Penelope ———
consolation of peace. Keel on the waves
plows one more time (such as never before)
the irate
mirror of Poseidon: the wine-colored
heart of the oceansea.
(KOUKLANAKIS, 2012, [s.p.])

Um outro exemplo de linguagem grandiloquente inclui também a atenção à própria sonoridade das palavras, o que se vê ilustrado pelo poema inteiro. Os seguintes versos oferecem bom exemplo de tais sons e ritmos, o que também tentei captar na minha tradução.

[...] — Odisseu (
branca erigindo a capitânea
cabeça ao alvo endereçada) pre-
medita: trans-
passar o passo: o impasse-
-a-ser: enigma
resolto (se afinal) em
finas carenas
de ensafirado desdém — ousar.
Ousar o mais:
O além-retorno o após:im-
previsto filame na teia de Penélope.
(CAMPOS, 1988, p. 55)

— *Odyseus* (
raising his white commanding
head to the blank target) pre-
meditates: to tress-
pass the passage: the impasse-
-to-be: enigma
resolved (if at last) in
fine keels
of sapphire blue disdain — to dare.
(KOUKLANAKIS, 2012, [s.p.])

A palavra “capitânea”, que traduzi como *commanding head*, é um vocábulo que ademais nos remete ao apogeu das explorações de navegação portuguesa cantadas e enobrecidas por Camões e vários outros. Demais

*The ancient tale does not tell
of Polumetis and his burdensome fate.*

*Or if it does
it deceives in variation: makes infinite the end.
Odysseus went forth. Lost his compa-
nions*

*Just in sight
of the island anxiously sought ——— seeing already
attainable Eden almost*

*within grasp of the hand: the gods conspired.
The sky raises surges from arcanum.*

*The ship repelled
into the abyss blown full with fate.
Odysseus does not put to
harbor.*

*Ephemeral signs in the whirlpool
point to the shipwreck ———
impending but retracting
suspended in the instant.*

*Water is all. Erasures.
And fate is famished.*

(KOUKLANAKIS, 2012, [s.p.])

Ulisses, como já vimos, encontra a morte que vem da absoluta ausência de aventuras e ousadias, articulada como “penúltima” aspiração, *penultimate*. Por outro lado, na *Odisseia*, a questão da morte do herói é apresentada com ambiguidade no livro 11, quando o profeta Tirésias diz à Odisseu que o herói não morrerá no mar (*thánatos ex halós*), se ele agradar Poséidon através de sacrifícios. Haroldo usa a frase grega *thánatos ex halós* ‘morte ao mar’, que representa esta ambiguidade ao nível linguístico, já que a preposição *ἐξ* (*eks*) expressa dois sentidos distintos de ‘distância’ (i.e. longe do mar), ou origem (i.e. que provém do mar). Eu mantive a frase grega, logicamente, já que o próximo verso é efetivamen-

impending but retracting
suspended in the instant.
Water is all. Erasures.
And fate is famished.

Ultimate

thánatos eks halós
death born from the salty sea

hubris.

(KOUKLANAKIS, 2012, [s.p.]

Finalmente, para o Haroldo de Campos, os poemas são “salvos do naufrágio” (1996) e, portanto, cada poema como texto individual, assim como as traduções destes, oferecem versões limitadas, e por isso, continuamente abertas. A presente tradução visa também à uma recuperação destes “salvos”, apresentando aqui mais uma variação da lenda. Tal formulação de poema, como resgate de infinitas possibilidades do que fora uma vez, encontra –se poeticamente codificada nos seguintes versos do *Finismundo*:

Não conta a lenda antiga
do Polúmetis o fado demasiado.
Ou se conta/
desvaira variando: infinda o fim.”
(CAMPOS, 1988, p.57)

The ancient tale does not tell
of Polumetis and his burdensome fate
Or if it does
it deceives in variation: makes infinite the end.
(KOUKLANAKIS, 2012)

Referências bibliográficas:

CAMPOS, H. *Finismundo*: a última viagem. Ouro Preto: Tipografia de Ouro Preto, 1990.8 fls.

KOUKLANAKIS, A. Algumas considerações sobre a tradução de *Finismundo* para o Inglês

CAMPOS, H. *Sobre Finismundo, a última viagem*. Rio de Janeiro: Ed. Sette Letras, 1996.

KOUKLANAKIS, A. (tradução.) *Finismundo: The Last Voyage* Disponível em <http://chs.harvard.edu/wa/pageR?tn=ArticleWrapper&bd-c=12&mn=4717>